



TRIBUNA MATCH FIXING

Suspeitas Empresários chineses e sul-americanos investem em clubes das distritais com um único fim: alterar resultados

AS MÁFIAS QUE VICIAM OS JOGOS

Texto **HUGO FRANCO**

A primeira vista, injetar dinheiro em clubes de futebol das distritais é um negócio suicida. Porque geram poucas receitas publicitárias, contam com um punhado de espectadores nas bancadas e só muito esporadicamente produzem craques à escala nacional. Fatores que por si só afastariam qualquer pessoa com olho para o negócio. No entanto, nos últimos três anos, vários empresários chineses e sul-americanos, nomeadamente da Argentina, têm entrado com dinheiro em sociedades anónimas desportivas e feito parte de administrações de coletividades amadoras. "É uma espécie de mundo fantasma. Dado serem clubes de pequena dimensão passam facilmente despercebidos às autoridades. Ao contrário do que acontece nos emblemas das principais ligas", salienta Joaquim Evangelista, presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol.

Este dirigente está especialmente atento a clubes que alinham em campeonatos das associações de Lisboa, do Porto e de Setúbal. De acordo com dados consultados pelo Expresso, cerca de dez emblemas ficaram nas mãos de empresários oriundos destes países nos últimos anos. Alguns clubes militam há décadas nas distritais, outros no Campeonato de Portugal (a antiga terceira divisão), todos longe dos holofotes.

Um destes empresários detém pelo menos dois clubes numa destas ligas secundárias. A compra e venda de jogadores passa quase exclusivamente pelo mercado asiático e basta olhar para a fotografia do plantel principal para perceber que os atletas portugueses estão em franca minoria. Um outro clube conheceu um resultado estranho, uma derrota por 10 a 0, pouco tempo após a aquisição da SAD por um grupo sul-americano. Também há dois casos de investidores argentinos que não passaram mais de duas temporadas em Portugal, tendo deixado o país no final da última época.

"Estes estrangeiros usam um testa de ferro português e procuram clubes que mais ninguém quer, sobretudo em países pequenos como Portugal. Clubes que nunca deram lucros nem benefícios aos seus dirigentes", lembra Evangelista.

Obter "lucros astronómicos" no mercado asiático das apostas é, de acordo com várias fontes ouvidas pelo Expresso, o objetivo secreto destes empresários, que publicamente garantem que o seu interesse é apostar em novos jogadores e vendê-los a clubes grandes, portugueses e estrangeiros. Na China ou na Malásia, os dois exemplos mais citados pelas fontes contactadas pelo Expresso, é possível fazerem-se apostas em campeonatos amadores, em jogos não oficiais e até

em partidas que não se sabe bem se se realizaram. De qualquer ponto do planeta, Portugal conta no currículo com um destes jogos fantasmas: no verão de 2014, a Liga Espanhola denunciou um falso amigável entre a equipa do Freamunde e a espanhola Ponferradina. Calendarizado para a pré-época, o jogo, que nunca foi disputado, constava nos boletins das casas de apostas. "O nosso receio é que este tipo de corrupção nas ligas secundárias venha a contaminar os campeonatos profissionais, de baixo para cima", adverte Joaquim Evangelista.

As autoridades estão "mais do que nunca" atentas ao fenómeno do *match fixing*, principalmente depois do estrondo causado pelo processo Jogo Duplo, que ia conhecer o desfecho esta terça-feira, 18 de junho, no Campus da Justiça. A leitura da sentença foi ontem adiada para 25 de outubro.

O caso remonta a 2015 e 2016, quando um grupo de atletas e dirigentes da II Liga terá sido aliciado por empresários malaio para fabricarem resultados. Há vídeos no YouTube que revelam exhibições risíveis de alguns destes arguidos. O Ministério Público pede penas de prisão efetivas para seis dos 27 suspeitos, entre eles atletas do Oriental, Oliveirense, Penafiel e Académico de Viseu. Os procuradores não têm dúvidas de que Carlos Silva, Gustavo Oliveira e Rui Dolores formaram "a cúpula da organização criminosa" em Portugal, e que eram estes três arguidos que mantinham os "contactos com os investidores malaio, que traziam o dinheiro para Portugal", para obter lucros com "apostas fraudulentas e manipulação de resultados". Em causa estão crimes de associação criminosa em competição desportiva, corrupção ativa e passiva em competição desportiva e apostas desportivas à cota de base territorial fraudulentas.

O Oriental, um dos clubes mais afetados no caso, quer ser indemnizado em mais de um milhão de euros pelos danos causados pelas apostas ilegais. O clube acabou por descer de divisão devido aos maus resultados.

Algumas defesas pediram a nulidade das escutas telefónicas, o principal meio de prova na investigação, alegando que foram retiradas por um técnico especialista adjunto e não por um técnico superior, como manda a lei. Pedem por isso a absolvição dos

ESTRANGEIROS USAM UM TESTA DE FERRO PORTUGUÊS E PROCURAM CLUBES QUE MAIS NINGUÉM QUER, EM PAÍSES PEQUENOS COMO PORTUGAL



Expresso

15-06-2019

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 82175**Temática:** Desporto**Dimensão:** 2179 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 36/37

arguidos e recusam pagar qualquer indemnização ao clube lisboeta.

Crimes entre amigos

O Jogo Duplo não foi o único escândalo com apostas ilegais nessa altura. Dois jogos da I Liga da época de 2016/17 também fizeram soar os alarmes por suspeitas de resultados combinados. Foram eles o Feirense-Rio Ave, partida em que foram detetados apostadores chineses a tentar investir 50 mil e 100 mil euros e que fez quatro arguidos, todos jogadores do Rio Ave; e o Paços de Ferreira-Feirense, que também obrigou à suspensão das apostas no 'Placard' por um volume anormal de dinheiro.

Desde então, a PJ, a Federação Portuguesa de Futebol, a Liga de Clubes e o sindicato dos jogadores têm agido em conjunto para apanhar em flagrante estas redes ilegais de apostadores. Foi até criada a Plataforma da Denúncia, agilizada entre as ligas e a PJ e que permite queixas anónimas por pessoas aliciadas por corruptores. Existe igualmente um mecanismo de monitorização de jogos a nível europeu, a SportRadar.

Também a GNR tem atuado com o Eurojust e a Europol para acabar com as apostas ilegais *online* por toda a Europa. E fez três grandes operações nos últimos dois anos: a operação 'Shadowgame', em 2018, e as operações 'Showdown' e 'e-Aposta', já este ano. Em dados enviados ao Expresso, a Guarda revela ter feito no total 40 detidos e apreendido mais de dez milhões de euros em mercadoria. "Estamos muito atentos a este fenómeno", revela fonte oficial da GNR.

Entre os responsáveis ouvidos pelo Expresso, existe o consenso de que "estas máfias estão mais camufladas e sofisticadas". A alteração à lei em 2017, que levou a uma punição mais severa na corrupção desportiva, pode também ter um papel importante nesta equação. O crime de corrupção passiva passou a ter uma pena máxima até aos oito anos.

Mas o jogo do gato e do rato está longe de desaparecer do mapa. "No final da temporada recebemos a denúncia de alguns atletas e dirigentes de que teriam sido aliciados para o *match fixing*", revela João Oliveira, jurista do sindicato dos jogadores. Os casos terão sido reencaminhados para as autoridades. Este jurista, que tem participado em ações de formação a jogadores sobre esta temática, lembra que há poucos meses os atletas nem sequer tinham a noção de que se participassem em apostas legais de jogos de futebol, como as do 'Placard', estariam a cometer um crime.

Português na mira da Interpol

Os últimos relatórios da Interpol intitulados "Integrity in Sports", a que o Expresso teve acesso, fazem referência recorrente a Portugal e a suspeitos portugueses. Um deles é José V., um ex-jogador de futebol que nunca passou pelos principais palcos, mas chegou a jogar no campeonato irlandês, no Athlone Town FC — clube investigado por fabricar resultados na altura em que o jogador alinhava nesta equipa da segunda divisão irlandesa.

A Interpol, e não só, está a seguir o rasto deste português, suspeito de fazer parte de um grupo de oito pessoas de vários países que ajudaram a forjar resultados em mais de 30 jogos amigáveis disputados no Chipre nos últimos três anos. As partidas suspeitas, organizadas por uma empresa cipriota, foram disputadas por equipas da Rússia, Sérvia, República Checa, Polónia, Chipre, Suíça, Bielorrússia, Eslováquia, Moldávia, Roménia, Ucrânia, Bulgária, Letónia e Hungria.

O ex-atleta, que também passou pelo conturbado período do Atlético Clube de Portugal, recusou-se a prestar declarações numa reportagem sobre *match fixing* da rede EIC (European Investigative Collaborations) do "Football Leaks", que o ligava umbilicalmente ao empresário chinês Eric Mao, que também passou por Portugal, ao adquirir a SAD do Atlético. Este último é, aliás, designado de "senior match fixing organiser" ("importante organizador de jogos fraudulentos"). Eric Mao e José V. nunca foram constituídos arguidos mas continuam a gerar desconfiança por onde passam.

hfranco@expresso.imprensa.pt